

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMEN-
TO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

Estesia

Pio Barbosa Neto

Fortaleza - Ceará
Junho – 1998



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 1997 – 1999

Dep. Luiz Pontes

Presidente

Dep. Teodorico Menezes

1º Vice - Presidente

Dep. José Sarto

2ª Vice - Presidente

Dep. Wellington Landim

1º Secretário

Dep. Ricardo Almeida

2º Secretário

Dep. Domingos Aguiar Filho

3º Secretário

Dep. Valdomiro Távora

4º Secretário

“ Na expressão do poeta, como no pensar do filósofo, de tal sorte se instaura um mundo que qualquer coisa, seja uma árvore, uma montanha, uma casa, o chilrear de um pássaro perde toda monotonia e vulgaridade.”

Heidegger

DEDICATÓRIA

Nestes anos em que aprendi a escrever acerca da vida, um momento refletiu em mim, de maneira forte, como um golpe fundo n'alma, parecendo que tudo ficou esquecido, como uma folha que cai, como uma lágrima tecida, que toca o frio chão da existência sem ao menos dizer porque.

Foram os dias em que narrei esta obra, os mais conflitantes, os mais ásperos, pela dor da separação, pela angústia e pela solidão.

Diante de tudo porém, aprendi a resgatar do solo duro de minha vida, vestido de amargura e desencanto, um momento de poesia, dedicado a quem sempre quis dar um exemplo de si, até o último momento, sem perder a serenidade dos que partem, inda que de maneira sofrível.

Falar de alguém igual, é falar de alguém que representou um exemplo vivo de trabalho, vida e amor.

Por certo, a ausência de alguém tão especial assim toca a alma, faz o íntimo sofrer, chorar, mas também agradecer a Deus, o cuidado de sua ação em resgatar para si mesmo, aquele que separou e escolheu.

A obra reveste-se de uma homenagem ao meu querido e inesquecível irmão **José Arimatéa Saraiva Neto**, como um ato vivo de lembrança e saudade, mas também como um cântico entoado a Deus, por toda Eternidade.

O Autor

APRESENTAÇÃO

Com satisfação editamos, através do nosso Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - INESP, a obra Estesia, de autoria de Pio Barbosa Neto.

Essa publicação premia o esforço de um servidor do Poder Legislativo que, através de concurso promovido pela Associação dos Servidores da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará-ASSALCE, sagrou-se vitorioso com o melhor texto poético apresentado na referida competição.

Côncios de que a poesia através dos séculos é um dos mais poderosos veículos da cultura, da beleza e da criatividade, sentimo-nos gratificados em oferecer ao grande público admirador desse importante gênero literário, este precioso registro gráfico.

Luiz Pontes
Presidente da Assembléia Legislativa
do Estado do Ceará

AGRADECIMENTOS

À minha família, Ana, Priscilla e Dalva, pelo incentivo ao meu trabalho.

Aos meus pais, José Gabriel Barbosa e Maria Amélia, minha eterna gratidão pelo muito que vocês representam para mim.

À Barros Alves e Elza, e à atual administração da ASSALCE na pessoa do presidente José Mathias Pinheiro.

À turma do “ Sopão do Amor”, meus amados irmãos que motivaram-me a descobrir o outro lado de um mundo que nos desafia.

Ao Departamento Financeiro, aos colegas de trabalho pelo incentivo dado a este projeto.

À todos aqueles que em Cristo são família de Deus, especialmente os membros da Igreja Bethesda da Aldeota.

ÍNDICE

Alma.....	15	Enigma	31
Andejo.....	15	Evanescência	32
Alameda	16	Enleio	32
Agrilhoa	16	Estepe	33
Álbum	17	Evidência.....	33
Águas	18	Eternidade.....	34
Arrebol	18	Excluídos.....	35
Argila	19	Frondes.....	36
Agreste	19	Fulvo.....	36
Arrulho.....	20	Fonte.....	37
Adusta	20	Fantasia.....	37
Aquarela.....	21	Fugídias	38
Abstrusas.....	21	Fátuo.....	38
Aveso.....	22	Faina.....	39
Bruma.....	22	Gaifona.....	40
Busca.....	23	Gaiúlo.....	40
Colares	23	Galhofa I.....	41
Cristal.....	24	Galhofa II	42
Correntes	24	Gotear	43
Chave	25	Hoje	43
Conspurcada.....	25	Horas	44
Clepsidra	26	Ignoto	44
Cinzas.....	26	Impressão	45
Chuva	27	Ínvios.....	45
Cortiço.....	27	Imagem.....	46
Destino	28	Insulo.....	47
Diadema	28	Jazida.....	47
Devesas	29	Lírios	48
Estesia	29	Lúgubres.....	48
Espera.....	30	Lampejo.....	49

Liberdade	50	Queimada	69
Lama.....	51	Querer.....	70
Música.....	51	Quietura.....	70
Merencória	52	Rumoreja	71
Mantos.....	52	Rútilo.....	71
Mural.....	53	Ritmos	72
Mentira.....	54	Rumos.....	72
Monótona	54	Reflexo	73
Mistério	55	Serenidade	73
Momento	55	Silente.....	74
Mochila	56	Sentido.....	74
Misturas.....	56	Seca	75
Manada.....	57	Seixo.....	75
Nevoento	57	Soturno	76
Nômades.....	58	Sinfonia	76
Natureza	58	Tumulto	77
Nós	59	Taful	77
Nomes	59	Tarde.....	78
Notícias	60	Trêfego	78
Opala	60	Túmidas.....	79
Origem	61	Tela.....	79
Perene.....	61	Ultrice.....	80
Párias.....	62	Urbe.....	80
Perfeição.....	63	Verbenas.....	81
Pântano.....	64	Volúpia.....	81
Perverso.....	64	Votiva.....	82
Procura	65	Vergasta.....	82
Partícula	65	Vestuto	83
Palavras	66	Vocábulos.....	83
Passagem.....	66	Xurdir	84
Personagem	67	Zéfiro.....	84
Penedo.....	67		
Pedreiras.....	68		
Quarto.....	69		

Alma

Alma que canta
Que chora e freme
E sente a chuva pesada
Nuvens entre moitas armadas,
Verde mofumbo presente,
E o medo que traz
N'alma infante
A noite que faz
A todo instante
Agonizar o céu
Num tempo que treme
E mostra o véu,
Coberto de raios multicores.

Andejo

Segue teu destino
Coração travesso
Deixa tua sorte
Cercar tua sina,
Talvez que pulse forte
No teu andar infante
Algo que ensine
Mais que a dor que contamina
Um peito que sofre e desatina
O pensar que deixaste
De ser um menino.

Alameda

Nos corredores da cidade
Vultos anônimos
Vêm e vão
Deixando seus nomes
Impressos no mesmo chão
Sem que ninguém conheça
Seus destinos.

Agrilhoa

A angústia me alucina
Me agrilhoa os pulsos
Domina e alicia
Tantos vultos,
Deixando-os a sofrer
A rudeza que aniquila
Que do íntimo faz brotar
A palidez da face
O cair da lágrima
Nos olhos de alguém.

Álbum

Retratos amarelados
Esboçados a olho nu
Pincelados com exatidão
São traços deixados
Na solidão
De cenas comuns
Vestidas de desilusão
Onde o despudor formal
Caracteriza estilos sociais
Em figuras espontâneas
Tecidas à óleo,
Onde a temática cativa
Pela beleza que traduz
Muito mais ainda
Pelo realismo que seduz
Estilos harmônicos
De forma empírica, imaginados,
Numa reinvenção contínua
De lugares e povos dominados
Pelo fantasma do preconceito.

Águas

Um dia notei
As águas livres
Singrarem caminhos,
Em caudalosos braços nascentes,
Daquele rio,
Onde dentre espumas e balseiros
Fronosas árvores
Pareciam querer conter
Sua ira.

Arrebol

O céu avermelhado
Parece encobrir
O manto encantado
Envolver, seduzir,
Trazendo na tarde que declina
A palidez do dia que termina,
Num aceno demorado
A espera da noite.

Argila

Um barro somente
Moldado diferente,
Sob o mando criador
Coberto de pele
Ossos, nervos e sangue
Traduz a eternidade
Além da finitude
Irradiando vida,
Plenitude,
Onde o hálito santo
A tudo envolve.

Agreste

Moitas desgrenhadas
Gravetos ressequidos
Espectros de árvores partidas
Qual terra poeirenta
Que abriga no ardor do tempo
Vidas dizimadas
E o surdo choro das crianças
A deixar pra trás
O ranger de chaves
Em prolongados reclames
Ante a neblina que cai
E a tortura que machuca
E fere mais,
Os pés de tantos retirantes.

Arrulho

Ouço o canto
Dos pássaros,
Como quem aprecia
Uma melodia natural,
Que inspira momentos
De profunda poesia
Na voz frágil
Do pardal,
O encanto que seduz
Nas manhãs sombrias
Bela sinfonia
Podemos achar
No canto matinal
Do passaredo.

Adusta

Adusta terra
Escuro tisonado
Do fogo abrasador
Do chão queimado
Ateado com rancor
Pela fúria humana.

Aquarela

Num cômodo pequeno
Um armário de livros
Um atlas de anatomia
Um pássaro empalhado na parede,
Penas e tintas pra escrever,
Além das linhas no tabuado,
Porta e móveis, vagos,
Num espaço exíguo
Onde um vulto em seu roupão
Sentado numa rede
Escreve sobre um suporte precário
Em folhas que se espalham pelo chão,
Cenas de Debret.

Abstrusas

Alguns sinais
Sem tradução
Incongruentes
Trazem no teor desordenado
Das palavras vazias,
Um instante marcado
Por vozes emudecidas
Ante o mórbido silêncio.

Averso

Deixo em cada verso
O avesso da vida
Como marca de tinta
Num linho branco.
Vejo incontinente
Em cada gesto,
Em cada olhar
O rigor de atitudes
E a perplexidade que confunde,
Parecendo assim brotar
Da magia que infunde
Nos olhos de alguém,
Todo o desespero
De querer então achar,
Tantos modelos
De vida, a fotografar.

Bruma

A bruma que vagueia
Veste de obscuridade
Como manto o céu,
Onde entre toda cercania
A noite principia
A lua que vagueia,
E sombreia os ares
Qual túnica alva
Iluminando o véu
Despindo o corpo
Vestindo a alma.

Busca

Nenhuma procura
Parece mais intensa
Do que a busca de si mesmo,
Como se o que descobrimos,
Através dos anos,
Resgatasse o que esquecemos
Nas páginas do tempo,
Trazendo à realidade,
Traços marcados na areia,
Pegadas deixadas,
Sem que pudéssemos notar
Ante a espuma do mar
Toda a originalidade
Do que perdemos,
Na poeira fina, do tempo.

Colares

Pedras luminosas
Dos pirilampos,
Espalham na noite o doce encanto
Das estrelas,
Quais colares cintilantes
Ao encanto sedutor da lua,
Como jóias raras
Em múltiplas cores,
Como folhas de prata
E pérolas brilhantes.

Cristal

Gotas claras
De cristal diluído,
Surgem lentas,
Vestidas de chuva.
Na noite escura,
Cintilantes raios
Parecem surgir,
No espaço infinito
Como lâmpadas inquietas
Deixando seu rastro
Nas nuvens trêmulas.

Correntes

No embalo da rima
Acalentei um sonho,
Nascido d'alma,
Como rio que flui
Rumo ao infinito.
Por toda parte
Lancei o aroma,
O frescor esparzi,
De um peito que derrama
O hálito divino
A tocar em mim,
Qual correntes de um rio
Que seguem seu destino,
Té chegar ao mar.

Chave

Descobrirei o interior d'alma
A intimidade escondida,
Os segredos do coração
Impulsos secretos,
Toda a extensão
Da vida incontida
Cujo enigma guardei.
Deixarei que outros vejam,
E percebam
O sonho que imaginei
Em tantos dias de solidão.

Conspurcada

Na face marcada
De tinta,
A vida reflete suor
Mancha, mácula,
Na camisa outrora limpa,
Um resíduo qualquer
Deixado como sinal
Qual vida conspurcada.

Clepsidra

O tempo se esvai
E vai,
Gota a gota,
Deixando em cada face
O triste retrato
Que mutila toda fantasia
Em sonhos idos,
Nostalgia,
Num intenso compasso.

Cinzas

Tudo que aflige
No corpo,
Reflete n'alma,
Na paixão
Que parece incontida,
Onde encontramos
Um mundo sem calma
Nascido do pó,
Morrendo na torpe ambição
De ser mais,
Quando sabemos então,
Ser louca fantasia
Esquecer que um dia,
Apenas cinzas seremos
Debaixo do chão.

Chuva

Pingos de chuva
Na encosta barrenta
Flores molhadas
Casebres à mostra,
Na noite cinzenta.
Rumores que fazem
Do chão angustiado
A tortura de tantos desabrigados,
Que existem em lugares,
Destruídos.

Cortiço

Amplios bocejos
Como o marulhar das ondas
Inúmeros pigarros
Xícaras a tilintar
Atraídas pelo café aquecido,
Risos, vozes,
Portas e janelas alinhadas,
Anunciavam
Em meio ao tumulto constante
Mais um dia no cortiço.

Destino

Os segredos
Parecem seduzir
Os olhos de quem
Imagina achar
Num lugar qualquer
Um tesouro escondido
Lembrando em vida
Os piratas e corsários
Que surgiram numa fita
Encantando a imaginação
De um pobre menino,
Que sonhava talvez,
Com um pedaço de pão
Pra matar a fome.

Diadema

Sob a face verde do oceano
A lua prateia ondas de luz
Áureas ondas no caminho
Jaspe luminoso,
Diadema rútilo, dourado
Encantado brilho que seduz
Na galeria dos astros
Onde percebo estrelas pelo chão.

Devesas

À sombra do arvoredos
Descansa o infante
Sob o encanto do passaredo
A rasgar o céu,
A todo instante
No silêncio aconchegante
Dorme aquele menino
Cercado pela beleza contagiante
De um sonho de criança.

Estesia

Percebo o belo
Apenas no olhar
Como quem espreita
Sem pressa alguma
Um momento mágico
Onde a natureza traz
A leveza dos pássaros
Num belo cantar
Movido pela emoção
Apenas de sentir
O que outros não viram.

Espera

Da choupana pobre
Uma estrada poeirenta
Parece traçar
De tortura e dor
A morte lenta
De uma paisagem vazia
Estia, sem cor.
E enquanto o duro chão
Não ouve o cair da chuva
O choro alegre das cigarras
Varrendo a plantação,
O homem apenas espera,
O tempo de achar
Fatura no solo
Ressuscitando o verde
Traçando seu rumo
De enxada ao ombro
E sorriso desdentado,
Seguindo pela mesma estrada
Agora umedecida
Tocando a mata molhada,
Repleta de vida.

Enigma

Não vês o meu desejo
Nem sabes decifrar
O calor de um beijo
Em teus lábios pulsar
Suspira o só pensar
Qual oceano que estua
Face a grandeza do mar
E a beleza da lua
Teu rosto assim mirar,
No afeto que invade
Em forte saudade
Que parece bailar
Na noite sem brumas
Teu corpo entre espumas
Tão lindo a encantar,
Qual mistério incontido
O sonhar não é então
Mera impressão
De um universo humano.

Evanescência

Um sopro somente
Qual folha que cai
E se esvai
Numa existência efêmera
Que logo se vai
E transforma a vida
Num sussurro somente
Reflete então
Toda evidência
Do que somos.

Enleio

Toco a magia
Doce encanto de você,
Qual momento inesquecível
De prazer,
Onde em meio a loucura,
Deixo fluir
Sem querer,
Um estranho jeito
De desejar
Face a toda indecisão
Um pedaço incontido
De tua pele
A me envolver.

Estepe

Na planície,
Vislumbro vales escarpados,
Alguns galhos tesos
Jogados,
Pela fúria humana
Que aflige o verde
E logo derrama
Ante a toda vegetação
Males tanto da evolução
Que ceifa e aniquila
Este chão.

Evidência

O que nos faz crer
Ou mesmo duvidar
Ter que sorrir ou chorar,
Viver, sentir,
Sofrer, amar,
Será sempre afinal
Aqueles momentos
Em que pausamos
Nossas dores,
Deixando o fardo pesado
Os muitos dissabores
Nas mãos de quem
Leva conosco
Nossas fraquezas,
E recria mundos dantes abatidos
Em outros, nunca destruídos.

Eternidade

Trago comigo
A tristeza de um crepúsculo
Numa manhã sombria,
Onde o silêncio largo, longo e lento
Traz um ar angustiado
Como se a vida trouxesse
Um astro apagado,
Como se houvesse
Uma terra estéril e vazia.
Conquanto o gosto amargo
D'alma ferida
Retrate o estranho fardo
De um trágico momento
Não será o frio leito
Do chão que te acolhe
O lugar perfeito
Onde repouse o corpo inerte,
Outrossim, a grandeza de saber
Para além da finitude
Que a vida afinal
Não finda na morte
Nem no triste padecer
De toda separação,
Pois és eterno,
Como eterna é tua vida,
Meu irmão!

Excluídos

Um grupo incomum
Divide a mesma sorte
Como quem compartilha
A mesma dor
Os vícios e pecados,
De toda a ilusão que achou.
Vultos tantos alienados,
A uma torpe servidão,
Filhos do abandono,
Gerados na fome,
Nas ruas,
Vultos sem nome,
Abortados vivos,
Renegados às esquinas
Manietados como objetos,
Como excrementos lançados,
Ao tormento eterno,
Donos de si,
Dormem o sono dos excluídos,
Sem que haja saída
Pra untar a ferida.
Haverá cura?
Eis a questão que se levanta,
São vultos iguais
Porém diferentes
Sem paz,
Gente da gente!
Que precisam viver
Pra não morrer,
Excluídos de tudo e da vida.

Frondes

Na folhagem
Que desce
Que pelo chão se derrama,
Como frondes vírides
Qual rama,
Abrigo o frescor
Dos ventos uivantes
A passar céleres
Como naves flutuantes.

Fulvo

O calor incendeia
Faz moer os pés
Explode, atea,
Imensas labaredas.
Na mata estia,
Vazia de vida,
Apenas o ardor do tempo
Faz suscitar o vento,
Nuvens escuras,
De fumaça densa,
Contrastando com a cor
Qual sol dourado
Que não traz o encanto
Daqueles dias marcados
Senão pelo horror
De galhos jogados
Queimados,
No chão.

Fonte

Da fonte jorra
A vida,
Em tantos ritmos
Frenéticos,
Rumo às corredeiras,
Onde imensas cachoeiras
Fazem descer o véu
De rara beleza
Encobrimdo penhascos
Semeando a grandeza
Rios que correm céleres
Sem descansar.

Fantasia

Vejo nas rosas cêrulas
Mágicas pérolas
Que encantam meus olhos
E vestem a imensidão
Quais canteiros
Onde cultivo estrelas
Pela ânsia infinita de colhê-las.

Fugídias

Deixou na estrada
Um pedaço de si
Da vida errante
Qual sina marcada
De um desertor.
Sem tudo, sem nada
Deixou cair,
A vida livre
Numa outra ultrajada,
A ruir.

Fátuo

Os dias do insensato
Se vestem de ilusão
De sonhos que se esvaem
Ruídos pelo chão,
E trazem insegurança
E toda aflição,
Rios tantos de abastança
Mundos de solidão.

Faina

De que valem os anos
Face aos desenganos
Que o tempo deixou
Na vida sofrida
Tecida com ardor
Nos sonhos pensados
Em outros sem valor
Se não houver então
Quem defenda firmemente
A causa do justo
Fielmente,
E retribua o alto custo
Do tão suado esforço
Em rios de fartura
Nunca de desgosto.
Haverá quem acredite
Ser a vida também
Um mar de riquezas
Nunca de torpes utopias?
Quem?

Gaifona

Os traços da face
Parecem disformes
Acatam a momice
Risos fartos, longos,
E o jeito moleque
De um homem em cena
Que abraça o sorriso
Como quem ama
O gostar de ser criança,
No picadeiro.

Gaiúlo

Ainda criança
Sem ter esperança
Caminha na vida
Sem direção,
E veste a camisa
Da dor, agonia
De ser rejeitado
Na condição,
Tropeça seus passos
Reflete os retratos
Estranhos momentos
De solidão,
E deixa ficar
Na esquina do mundo
Um triste olhar perdido,
De sofreguidão.

Galhofa I

O tipo brincalhão,
Zombeteiro,
Que de tudo fazia
Uma piada,
Buscando rir primeiro,
Ante a cachoadá,
Parece ser então
Sinônimo de diversãõ,
No íntimo sei que não,
Pois desconheço alguém
Que apenas saiba sorrir
Sem ao menos,
Lembrar de chorar.

Galhofa II

Olhar que maquina
Esconde, espreita
E logo rejeita
A quem nunca viu,
Que nada ensina
Senão a despeita
De ser odiado
Por ser tão igual
A tantos coitados
Jogados na esquina
Que sentem o fardo
Da vil situação,
Que vestem a vida
De um negro retrato
São pobres, culpados
Irmãos cujo laço
É simples conversa
Que não interessa
Dizer que não,
Além da promessa
De ser aclamado
De pobre coitado
A vulto chamado
Sem nome achado,
Senão, solidão.

Gotear

Cada gotejar
Da chuva que cai
Parece tocar
O chão rude
Num ruído alegre
De gotas a pingar
Saltitantes,
Num imenso bailar
A todo instante
De rios a formar
Caudalosos braços
Em ruas vazias
Na madrugada fria.

Hoje

Tracei meu caminho
Em ruas desertas
Onde sozinho
Sofri,
Deixando o retrato
Dos passos marcados
Naqueles momentos
De sonhos jogados
Onde agora então
Gravei pelo chão
A lembrança esquecida
Ontem,
Vivida, hoje.

Horas

Esta máquina universal
Que envolve em seta
A unidade de tudo,
Numa explosão magnética,
Atada a nervos elétricos,
A engrenagem dos sistemas
Reproduz a força centrífuga
A rapidez que gera ânsia,
Dos gritos estremecidos
Na garganta,
Das consciências fadadas
A toda servidão no espaço,
Onde vultos outros giram,
Quais astros nos ares,
No tilintar do tempo,
No passar das horas.

Ignoto

A vida nos mostra
Sendas sofridas
Caminhos obscuros,
Desconhecidos,
Onde palmilhamos
Seguindo o livre curso
De todos os mortais
Face ao chão duro,
E tantos pedregais
Que nos levam ao sofrimento
Desistir sequer,
Jamais!

Impressão

Não há falta na ausência
Apenas a impressão
De quem está acostumado
A pensar então
Na presença ou não
De quem deixou saudade
Partindo pra eternidade
Levando consigo,
Uma parte de nós
É que torna vazia
Em suave lembrança
Que nos faz silentes
Nunca pela lágrima sofrida
Mas pela vida incontida,
Que deixou suas marcas.

Ínvios

Ínvios trilhos,
Lágrimas e penas,
Duros impecilhos,
Dores extremas,
Parecem tolher os passos
Erguendo muros,
Fortes braços
Grades e portões,
Mundos estios, vazios,
Desilusões,
De alguns semelhantes meus.

Imagem

Não importa a miséria
Ridículo defeito
Que encobre teu rosto
Porém em ti,
É dom perfeito,
O gesto nobre
No aspecto pobre
Nas mãos calejadas e frias,
A abraçar o pão que sobeja
Da mesa vazia,
Sem tirar do pouco que ti dão
A formosura plena,
Do teu coração.

Insulo

Andei pelas esquinas
Nas caladas da noite
Vultos tantos achei
Sem alento,
Envoltos na miséria
Repartem seus despojos
Entre corredores polutos
Dividem seus corpos
Pra poder suportar
A tortura do frio
Como chicote a tocar
A pele,
Esperando quem sabe ajuda
Alguém que lhes dê a mão
Uma coberta quente
Que lhes tire da exaustão
De colher a dor
Numa vida vazia.

Jazida

Nas entranhas do chão
Riquezas minerais
Escondidas estão,
Esperando quem as descubra
E faça do solo extrair
Pedras rudes, embrutecidas,
Transformadas em pérolas
De imenso luzir.

Lírios

Rosas rubras
Como brasas ardentes
Sobre a alvura dos lírios
Mesclam suas cores
Na beleza do jardim,
E traduzem a grandeza
De toda inspiração
Singular presença
Que encanta e seduz
Também a mim.

Lúgubres

No talantar das asas lúgubres
Um pássaro corta o céu
Num vôo rasante,
Sob fios de aço
Dispostos na rua
Livre do chão que abriga
O calor do asfalto
E a pressa que aniquila
Preferindo voar bem alto
Rumo ao infinito.

Lampejo

No tilintar do tempo
Das horas febricitantes
O tempo vai morrendo
A cada instante.
Talvez que esta certeza
Traga na ilusão dos sonhos
A beleza inda que distante
Das juras secretas
Dos amores sentidos
E lembre em festa
No minuto final que resta,
Um lampejo, um gesto, um grito.

Liberdade

Quantas vezes
O silêncio nos arrebatava
E nos leva a ausência de tudo,
Como se nada mudasse,
A angústia que maltrata,
Tornando-nos, mudos.
Embora nos pareça
A transparência das vidraças
Os ângulos distintos,
De formas e cores abstratas,
Busquemos na beleza que arrebatava
O encantamento dos olhos infantis,
Deixando a solidão que mata
Descobrimos os metódicos caminhos,
As nervuras da madeira,
Os desenhos na parede,
Os sons encantados
De tantas vozes inquietas,
O espelho onde pousa o rosto,
A fronha onde descobrimos nossos sonhos,
Sem a pretensão de impor,
Vontade alguma,
Apenas esperar
O momento de tudo existir, viver, estar.

Lama

Fluía a lama
Naquela paisagem tétrica
Homens ilhados, saqueados,
Pela fúria das águas,
Parecem em meio as mágoas
Verter o pranto,
Numa esperança contida
Por toda amargura,
De seres desabrigados.

Música

Como pétalas a voar
Atravessando desertos
Montanhas e mar
Caminhos incertos,
Uma doce melodia
Parece então brotar
Tirando toda magia
Que sai do instrumento
Nas ondas do rádio
Em frio silêncio
Que se lança na noite
Como bálsamo, unguento,
Acariciando vidas,
Vazias de sentimento.

Merencória

A beleza da tarde
É merencória,
Abriga a solidão
De vultos tantos
Que não sabem onde ir
Presos a vil situação
De um tempo,
Marcado pela opressão.

Mantos

Escondo a angústia humana
Nos olhos negros
Vestidos de amargura interior.
Conquanto perceba
A vida enganosa, errante,
Os sonhos rasgados
Quais mantos manchados,
Vislumbro sonhos,
Nostálgicos,
Tristonhos,
De uma noite sem calor.

Mural

Já se tornaram velhas
As mesmas notícias
Que vejo no jornal,
Parecem que antigas
Foram as primeiras
Letras do mural,
Que guardavam protestos
Movimentos sociais,
Em gritos e gestos
Manifestos verbais.
Embora o tempo
Faça morrer os anos,
Lembro de rever,
Aqueles lembranças
No papel amarelado
Onde o silêncio forçado
Fazia a erosão
De vultos chamados
Por nomes trocados
Anônimos, amados,
Da revolução,
Que ditou nas praças
A mesma palavra
Que hoje queremos,
O nada que temos
Numa luta que encerra,
Paz e guerra,
Sobre o chão.

Mentira

De nada vale
O discurso erudito
Mesclado de improviso
Se a alma ruge
E deixa impressa,
Um grito,
De profunda agonia
Que separa a beleza estilizada
Numa outra contrariada
Pela solidão da noite
Pelo cessar do dia.

Monótona

Tudo é efêmero
Fugidio, fugaz,
Como pétalas morrentes,
Qual nuvens plácidas
Que trazem no rugir do vento
A tarde sombria,
Onde a lágrima do tempo
Lembra toda monotonia,
De um dia
Que se desfaz
Em pedaços cinzentos.

Mistério

Qual vida embrionária
Esculpida no interior
Que arrebatã toda inspiração
Escondida na escuridão,
De um ventre materno,
Onde correm mundos,
Sonhos diversos,
Que elevam o espírito
E aformoseiam os lábios
Em doce canção,
Seja a alma de quem,
Percebe todo o encantamento
E faz da vida também,
Um mundo pleno de sentimento.

Momento

Não esperarei
O final de tudo,
Sem ousar em todo dia
Mudar os anos que deixei
Quero antes estar preparado,
Sem delongas,
Nem medo algum
Pra tomar a minha vida
Como folha a cair
No tempo certo.

Mochila

Tomei uma mochila
Vesti um casaco velho,
Segui pela estrada
Levando meus sonhos
Deixei porém cair
Um pedaço de mim,
Marcado pela ilusão
De tudo o que perdi
Na imensidão do asfalto escuro.

Misturas

Vida e raça
Cor e sabor
Magia que enche com graça
O olhar,
Face ao calor do sol
Corpos estonteantes
Parecem mostrar,
Fita, chita,
Contas, conchas,
Argila, bordado
Couro, madeira
Algodão, linho,
Areia,
Num verão ardente
Rotulado de sedução.

Manada

Acamam-se as caatingas
Árvores desdobradas, partidas
Lascas e gravetos,
Que fazem vibrar o solo
Parecendo desbordar as baixadas
Num intenso marulho,
Britando pedras
Pela fúria dos cascos
Nas encostas escarpadas
Num ruído longo e soturno
Ceifando roças cultivadas
Brotando destas,
Lameiros revolvidos
Numa fuga em disparada,
Indomável fúria,
Da manada.

Nevoento

Vapor aquoso,
Espesso,
Que o ar obscurece,
Tempo frio
Que o corpo entorpece,
E os rios faz parar,
Transformando o lugar
De calor febril,
Em flocos brancos a brotar
Caindo do céu,
Encobrimdo a terra.

Nômades

Os ritmos marcados
Da ilusão irônica
Desnudam sonhos, vidas,
E vestem maltrapilhos
Os mesmos filhos,
Renegados à torpe herança
Que gera motivos,
Numa terra árida e vazia.

Natureza

A natureza orvalhada
Traz nas folhas de esmeralda
Tenras gotas na noite
Onde passeiam nos galhos de soveva
Nas flechas de capim,
Inúmeros arranhóis,
Tecidos a fio de seda,
Deixando flores mortas,
Sob o espelho das águas,
E ingazeiros desgalhados
Té achar uma forte corredeira
Que torna em pedaços
Na forte babugem
Espumas a proliferar
Ante os nespões de luz
Que escampam nos barrancos,
Onde raízes decepadas
Dormem,
Abrigando formigueiros
Na poeira fina da estrada.

Nós

Vejo abraçadas
No clarão da lua
Minha sombra e a tua
Mãos atadas,
Esboçadas no chão,
Caminhantes na noite
Presas a um destino
Onde imagino
Eterna atração:
Eu, você e a lua.

Nomes

Uns tantos “Raimundos”
Jogados no mundo,
Iguais a outros “José”,
Parecem trazer
Nas caras, nos nomes
De outros “Manés”
A sina sofrida
Quais sendas marcadas
De vidas choradas
Sem destino.

Notícias

O sangue corre
Nas veias
Nos grandes jornais
Sem que ninguém possa
Deter a ira que nasce
Em cores e tintas
De tantos ais,
De tantos lamentos sentidos
Lembrando alguns entes queridos
Deixados nas folhas perdidas
Gravadas na memória
Que deixam no tempo
A triste estória
Num torpe momento
De servidão e dor.

Opala

Andorinha solitária
Pelo céu de opala
Traça seu caminho
Com leveza e graça
Deixando por onde passa
A ternura de nunca estar sozinha
Ante o imenso véu azul.

Origem

Na alma pulsa
De forma plena
Símbolos decifrados
No íntimo,
De forma extrema,
Num verso tecido
Por tantas misturas,
De um simples tema,
Onde a imaginação flui
Como fonte e poema
Que nunca morre
Por ser eterna
Sua presença.

Perene

A vida esboça
Uma tela imaginária
Onde alguém transforma
Toda vacuidade
Numa obra rara
De profunda inspiração.

Párias

Penso naqueles
Ex-patriados,
Sem nome, sem terra,
Nômades vultos,
Renegados,
Sem teto ou lar,
Seres tantos enganados
Escravos do mundo
De seus vícios,
Manipulados
Fadados ao submundo
Que cega e aniquila
Em tantos pecados
Outros entes iguais
Diferentes na condição,
De provarem o amargo fel
De toda segregação social.

Perfeição

Embora na alma perdue
A dor que invade
Em fria tortura,
Em triste desencanto,
E os olhos de alguém em pranto
Lembrem da saudade
De tudo o quanto
Se chamou felicidade,
Em meio a desventura de chorar
Será sempre possível acreditar
Que o amor face a torpe separação
Não agoniza, não morre não,
E se deixa lapidar
Na dura exaustão
De quem toca
O rosto sombrio,
Dando-lhe vida e brilho.

Pântano

Na podridão do pântano
Pálidos rostos
Deixam-se estar
Sob as águas turvas
Semblantes ávidos
De esperança
Parecem brincar,
Indiferentes a imundícia
Mergulhados na lama
Onde sem importar
Deixam suas ilusões
Na escuridão sinistra
Envolta na mesma imensidão
Daquele lugar.

Perverso

Um país que exclui,
Que nega trabalho,
Emprego e renda
Nem se organiza
Pra dar sustento
E se enche de leis
Pra garantir o mínimo,
Traduz os devaneios,
Os torpes caminhos
Da miséria,
É mal e perverso
Com seus filhos.

Procura

Abro os olhos
Não te vejo,
Como um cego
Te desejo,
Buscando tatear
Tua beleza tanta,
O ardor do teu beijo
Da tua boca tirar,
Na doçura que encanta,
O só pensar em ti.

Partícula

Como uma imagem
Ante o espelho
Reflito a essência
Como partícula viva
Qual átomo que concentra
A magnitude de ser
Que me envolve
Num rastro que seduz
A grandeza do Ser,
Que nos alimenta e conduz.

Palavras

A vida principia
A liberdade das almas
O raro sentido
Como um frágil vidro
Que se forma
Nos gestos movidos
De esperança e calma
Mas também de inquietude.
No rigor das palavras
O duro ferro das perguntas
Guardam a fria sentença
Na solidão que angustia,
Imensa,
Nos corredores sombrios,
Num sopro intenso e frio
De tantos torturados,
Pela ira que destrói
Em torpe presença,
O íntimo que sofre e dói,
Pela ausência de outrem.

Passagem

Tudo passa
Como uma folha que cai
Deixando a cada minuto,
Da semente que nasce
O fruto,
Que um dia lançado foi
Gerando morte,
Pra dar vida.

Personagem

O mundo me assusta
Me usa,
Me joga na rua,
Nos braços de alguém
Me chama e acusa
E logo recusa
Saber o meu nome.
E deixa a fome
Que invade e consome
Seguir os meus passos,
E marca o corpo
No fardo pesado
Nas ruas desertas,
Onde reside a dor
Num peito vazio,
Sem amor.

Penedo

Na encosta íngreme
Muros de pedra
Dispostos estão,
Alicerçados pelo tempo
Ante tremores e erosão
E o vagar do vento
Que logo deixa
Impressa sem segredo,
A grandeza da fúria
Das pedras, no penedo.

Pedreiras

Paredões íngremes
Abrigam o trabalho
De vultos ignorados
Fadados a escravidão.
São corpos feridos
Marcados pela aspereza
Da fúria insana
Que gera a agonia
Na tortura que induz
A força que produz
Em meio ao chicote
Rendida a horas tantas
Sob o ardor do vento
E a frieza de olhares
Que trazem o desalento
De nunca achar saída
Em forma de sustento e pão,
Se não for pelas feridas
Deixadas na extensão
De seus próprios corpos.

Quarto

Entre quatro paredes
Pensamos guardar
Tantos segredos,
Ocultar,
Pensamos desejos,
Loucuras também
Lembranças que trazem
Tristezas e dor,
Sorrisos e traços
De intenso amor
Entregues no leito
Sem nenhum temor
Guardamos no peito
A grandeza e o sabor
Do primeiro momento
Mágico instante
Onde a vida então,
Em nós, brotou.

Queimada

Nasce do chão
Cinza, pó e carvão,
Nuvens escuras
Tempos de escuridão,
Sepultando o verde encantado
Agora transformado,
Em queimada,
Restando do tudo,
O nada.

Querer

Explicar pra quê?
Este jeito de querer,
Não é fácil missão,
Explicar a razão
O porquê sentimos
No peito a emoção
De amarmos sem saber
Que somos amados
De maneira tão igual,
Entre milhares e milhões
O amor se fez real,
E deixou sua presença
Em tantos corações.

Quietura

Quero a serenidade
Dos lugares ermos,
A paz que inunde
E traduza em todo o tempo,
O silêncio de mundos
Que guardam segredo
Das palavras que traz
Face ao vento forte,
Um momento de paz,
De vida,
Nunca de morte.

Rumoreja

Rumoreja o vento
Num sussurro calmo,
Ante a brisa suave
Que desce,
No frescor do tempo
A ciciar seu pouso
Nos braços leves
Qual espuma
Que brota em sua extensão,
Rios tantos,
Traçados de solidão.

Rútilo

Cintilantes pedras
Rútilas, brilhantes
Que adornam dedos
E conquistam olhos
Pela ânsia de obtê-las.
Vidros claros, luzentes
Que deixam a magia
De tantas estrelas,
Na noite fria,
Resplendentes jóias,
Que enfeitam e ornam
Sem cobiça alguma,
Apenas esculpir o belo
Como um rubi,
Ou diamante singelo,
Único no seu encantar.

Ritmos

Ritmos frementes
Tecem meu destino
N'alma inquieta
Sonhos de menino
Acalentam a noite
Em músicas e festas
Ao som do violino
Anseios, cujos raios
Deixam seus acordes
Em doce harmonia,
De quem ouviu distante,
A música suave
Tocar qual nave
O chão da minha vida.

Rumos

Trago encarcerado nos meus olhos
O ritmo da chuva,
O calor do sol,
O fruto da semente
Qual mistério insondável
Traçando meu destino
Sob a face da vida.

Reflexo

Na noite negra
Abro a janela
Onde penetra minha sombra
Qual figura emoldurada
Que se estende na calçada
Té marcar na parede
Vultos aliformes
Que traçam sua imagem
Na escuridão que atrai e seduz.

Serenidade

Quero a serenidade
Dos vales quietos
Das montanhas e desertos,
Distantes da beleza efêmera
Das frias miragens,
Das cidades metálicas sem vida,
Onde a ilusão faz tremer o chão
Onde pisa algum ente, irmão,
Que parece um outro diferente
Distante da condição
De ser comum, igual,
A toda utopia que se criou.

Silente

Ergo a voz
Não encontro nada
Palavras mudas
Sem som algum
Símbolos somente,
Gestos comuns,
Alguns secretos
Desvendados.

Sentido

Desvendar mistérios
Ocultos tesouros
Descortinar o invisível
Talvez seja a aspiração
Incontida ambição
Que cerca a alma humana
Envolta em dilemas
Em busca da eternidade
Singular motivo
Que sela mundos,
Dantes nunca imaginados.

Seca

Ocasos congestos
Noites tostadas
Sombras férvidas,
Nódoas sanguíneas,
Céu conflagrado
Nuvens rasgadas
Tocadas pelo vento sujo.
Sopro que ateia
No panasco incendiado
Ante a flora desfalecida
A natureza em sua mudez
Vestida de pau e pedra
Deixando em sua nudez
O rigor do tempo
Que ceifara a vida
E trouxera a morte.

Seixo

A rudeza do chão,
Aformoseia formas
Pedras toscas,
Lapidadas,
Sob golpes frios
Refletem o ardor das feridas
Em outros momentos,
Té serem moldadas,
Em toda a extensão,
Criadas, recriadas,
Pela dura explosão
Que gera no chão
O luzir de suas cores.

Soturno

Dia soturno
Enevoado, sombrio,
Quente e abafadiço
Triste, lúgubre,
De aspecto que infunde
Pavor e medo
Que abriga o terror estio.

Sinfonia

Já aconteceu parar
Pra ouvir então
O vento, a noite, o mar,
Num canto solitário
De um navegador,
Que singrou num velho barco
Tantos mares distantes
Ouvindo uma sinfonia
Que só a noite
Sabe compor?

Tumulto

Faróis de neon
Perseguem a noite
Descortinando a madrugada fria
Nos cavalos de aço
A marcar o asfalto duro
O triste e forte braço,
Inseguro,
De vultos alcoolizados
Gerando tumulto
Em caminhos de morte
Lançando a sorte
Pra quem puder sobreviver.

Taful

A torpe impressão
Que alguém guardou pra si
De toda ilusão
Que restou
Foi a dura agonia
De ser noite,
Nunca dia
O sonho que buscou.

Tarde

Na tarde cinzenta
Ouço o choro das crianças
Numa rua deserta
Estrada poeirenta
Onde os gritos estremecidos
De alguns infantes
Lançam a dor e o abandono
No estopim de armas letais
Que ferem a terra
E maculam o chão
Onde a semente insana traz
Morte e destruição
Um mundo sem paz.

Trêfego

Este olhar dissimulado
Inquieto, manhoso,
Esconde vontades,
Desejos secretos,
Mundos torturados,
Pelos sonhos que se vão,
Como areia do mar,
A brincar alegre,
Com a inocente presença
De um infante.

Túmidas

O peito intumescido
Abriga o ar entufado
Veze tantas soberbo
Empreado,
No andar vaidoso
De um vulto ignorado,
Ultrajado pela torpe altivez.

Tela

A força física dos escravos
O charme das negras
Vendedoras de quitutes,
Figuras espontâneas,
Dispostas em um cenário,
De tempos coloniais,
Imagens vivas do passado,
Dos nossos ancestrais,
Alguns seres marcados
Pelas formas de preconceito
Que aniquilam mundos,
E separam direitos.

Ultrice

O gosto amargo
Da vil sentença
Lembra o teor insípido
Outrora bebido
Numa taça de cristal
Qual navalha na garganta
Que deixa no frio golpe,
Um sabor de vingança.

Urbe

Traços de modernidade
Parecem imprimir
Os desenganos do lugar
Onde diferentes vultos
Caminham
Levando nos olhos
Os contrastes sociais
Que ousam marcar
Em suas mentes
Os rústicos paredões
Eretos,
Alguns centenários espigões
Dispersos,
No quarteirão.

Verbenas

Na praça da estação
O explodir da banda
Reflete em festa
O dia final que resta,
E a noite que se avizinha,
Em mundos de fantasia e lembrança,
Descritos nas páginas do tempo.

Volúpia

O sopro leve da brisa
Desnuda em mágico frescor
A relva no campo molhada
Acariciada
Pelos ventos uivantes,
Num toque que absorve
A candura de quem,
Passa silente
E deixa um rastro que envolve,
Desejos,
Na face de alguém.

Votiva

Lâmpada votiva
Que teima em queimar
Como chama que ativa
Parece incendiar,
Numa combustão elétrica
Sem cessar,
Iluminando ruas negras
Fazendo então brilhar
O calor do neon
Sob o asfalto frio.

Vergasta

O frio cipó
Sangra e surra
Traz o flagelo
No corpo o açoite,
O duro castigo
Que marca e consome
Ceifando a vida.

Vestuto

A placidez dos casarões
Ostenta a arrogância
Das pedras
A harmonia do tempo
Que envolve a antiguidade
Em tempos nunca idos
Distantes da idade,
Isentos da finitude
Que cerceia as vidas
De enorme paredões eretos,
Dispostos no chão da memória.

Vocábulos

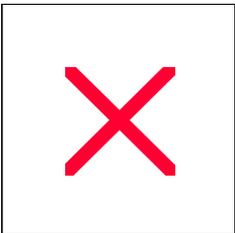
Tomei à mão
Uma folha de papel
Onde no vazio esbocei
Um retrato.
Sem tinta, nem pincel,
Apenas uma velha máquina
De teclas mudas
Assim como eu,
No compasso da mente
Discorria simplesmente
Aspectos comuns
Da vida que tenho.

Xurdir

Na luta pela vida
Não vale mourejar
Face a dura lida
Tropeçar,
Lembrar que afinal
Somos fortes
Inda que enfraquecidos,
Gera a pura sensação
De nunca estar vencidos
Em qualquer ocasião,
Os que em Deus confiam.

Zéfiro

No silêncio
Ouço o toque do vento
A brisa que passa
Tocando meu rosto
Sem nada dizer.
Conquanto entenda
Pareço esperar
Que algum dia talvez,
Venha estar
O mesmo ar encantado,
A me acompanhar.



al.ce.gov.br



inesp@al.ce.gov.br